

De luzes e de sombras: contra as evidências

San Juan de la Cruz, Bion e James Grotstein¹

Luís Claudio Figueiredo,² São Paulo

Resumo: Neste artigo, o autor procura mostrar a natureza da experiência do analista na prática de análise como sendo voltada para alcançar, pela via da intuição e do sonhar diurno condicionado, a experiência emocional compartilhada por ele e pelo paciente durante as sessões. Pressupondo-se que a dimensão inconsciente das experiências é incognoscível – e não apenas inconsciente – e que comporta uma infinitude não apreensível por teorias e representações, a atitude necessária ao analista é a preconizada por Bion “sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia”. Essas ideias bionianas sobre o que ele chama de “atitude científica” nos aproximam das ciências contemplativas, como o budismo e o zen e sua ênfase na intuição. Palavras-chave: Bion, atitude científica, experiência emocional compartilhada, O, intuição, sonhar

As sombras, as luzes e o silêncio na mente do analista

Começemos retomando uma sugestão de Freud lembrada por Bion:³

Freud, em uma carta a Lou Andreas-Salome, sugeriu seu método para alcançar um estado de mente capaz de trazer algumas vantagens quando se trata de compensar a obscuridade se o objeto a ser investigado for particularmente obscuro. Ele fala em cegar-se artificialmente. (Bion, 1970, p. 43)

1 Uma versão menor deste artigo foi publicada originalmente em *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ)* com o título “Um Facho de Intensa Escuridão. Reflexões a partir de Bion e de James Grotstein”.

2 Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ), professor aposentado da USP e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.

3 Os textos citados de Bion e Capier serão traduções minhas dos originais em inglês.

Dessa sugestão de Freud, Bion tira uma proposta interessante. Diz ele:

Como um método de obter esta cegueira artificial eu indiquei a importância de eliminar memória e desejo. Prosseguindo e estendendo o processo, incluo compreensão e percepção sensorial como elementos a serem excluídos. A suspensão de memória, desejo, compreensão e impressões sensoriais pode parecer impossível sem a completa negação da realidade; mas o psicanalista está em busca de algo que é diferente do que normalmente conhecemos como realidade. (Bion, 1970, p. 43)

Luzes, principalmente, o excesso de luz, ofuscam e mascaram aquilo que precisa ser intuído mais do que visto, assim como o excesso de sons dificulta a intuição do que precisa ser intuído em uma escuta analítica.

Para o desenvolvimento que segue, além do livro *Attention and Interpretation* (1970), vali-me dos desenvolvimentos de James Grotstein às recomendações de Bion em seu excelente livro *Um facho de intensa escuridão*, em especial no capítulo 7 “Bion sobre a técnica” (Grotstein, 2010). Contudo, o patrono desse texto, como se verá adiante, é o santo poeta San Juan de la Cruz.

Razões e perspectivas

Tentarei em poucas palavras e na forma de notas resumir o que me parece essencial do livro de Wilfred Bion publicado em 1970, particularmente do que consta do terceiro capítulo: “Realidade sensorial e psíquica”, embora todos os demais sejam da maior importância. Essa primeira parte de minha exposição será inevitavelmente um tanto obscura para quem não está familiarizado com a obra de Bion. Espero que ao longo do texto alguma coisa se esclareça, embora não precisemos fugir da obscuridade como o diabo foge da cruz. Uma certa obscuridade, quando não as sombras de uma noite escura nos são de grande valor quando se trata de intuir a experiência psicanalítica no que

tem de *inefável*, uma dimensão da experiência a que Bion faz repetidas referências em diversos textos.

O objeto psicanalítico e suas peculiaridades

a) Postulamos a experiência emocional de uma sessão de análise e suas condições de produção e de possibilidade como um objeto infinito incognoscível e inefável, refratário à linguagem articulada; a esse objeto Bion denomina O, de Origem.

b) A experiência emocional, O, habita-nos e nos assedia em sua obscuridade intransponível e indevassável; ou seja, a experiência emocional, O, é realmente incognoscível e inarticulada, irrepresentável, e não apenas inconsciente.

c) Mas O se transforma e muitas das manifestações de O em sua evolução são “perceptíveis” e, nessa medida, delas podemos ter alguma consciência, embora sempre limitada e imperfeita.

d) Dada a incognoscibilidade e inarticulação de O, o que cabe ao analista é “tornar-se o O” da situação analisante, algo diferente de identificação e da empatia com o paciente, como veremos a seguir:

e) Trata-se de tornar-se o O do próprio encontro analítico, ou seja, é o tornar-se O do analista como compartilhamento do O da experiência psicanalítica vivida por ambos, pelo analista e pelo analisando, uma dimensão mais ontológica do que epistemológica do processo; para tornar-se O o analista conta com sua intuição que, embora “apoiada” nos dados sensoriais, ultrapassa-os para ter acesso ao inefável e incognoscível.

f) Em sua evolução a experiência emocional O pode se manifestar como conhecimento (K), mas, como se disse acima, é um conhecimento sempre muito parcial e imperfeito.

g) No entanto, K pode se “aproximar” da incognoscível experiência emocional, O, desde que “sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia”, palavras de Bion que correspondem à “cegueira artificial” de que falava Freud a Lou Andreas-Salomé.

h) Na evolução de O para K, da experiência emocional incognoscível para o conhecimento (e deste, de volta para O), a mente se vale dos ténues “indícios” que as manifestações de O proporcionam na forma de expressões, condutas, palavras etc..

i) Contudo, esses mesmos sinais podem se converter em obstáculos na passagem de K a O, o “tornar-se O”; são situações em que alguns conhecimentos imperfeitos podem se tornar resistências à psicanálise; as intuições precisam transpor essas resistências que um falso conhecimento, baseado na sensorialidade, apresentam.

j) Para que os sinais se mantenham como ténues indícios e propiciem o tornar-se O, e não obstáculos, algumas exigências se impõem:

- É preciso “Fazer escuro” e para isso nos serve o que Grotstein chama de “facho de intensa escuridão”, mas que nós parece mais preciso falar em sombras que deixem o ambiente no lusco-fusco.
- É preciso “Fazer silêncio” pois uma pré-condição para as escutas em análise é que a mente do analista se mantenha em silêncio e *faça silêncio*.
- É preciso, em outras palavras, despojar-se do sensorial associado ao prazer e à dor que destaca, amplifica, rejeita, nega, distorce o campo da experiência compartilhada e nos impede de fazer contato intuitivo com o que tem de essencial e inefável.

É preciso também despojar-se das ideias feitas a partir de memórias e desejos, ideias que nos “tentam” ao oferecer a facilidade prazerosa e enganosa de uma suposta compreensão prévia.

Cria-se assim a “atitude ‘científica’” de preparar a mente para o tornar-se o O compartilhado da situação analisante e usar os “sinais” (manifestações e transformações de O, acessíveis aos sentidos) como *ténues indícios*, à espera de O, postulado e esperado a partir de um *ato de fé*. Ato de fé na existência desse essencial inefável a que se tem algum acesso pela via intuitiva. Assinalo que essa “atitude científica” se

assemelha a um estado de mente característico das “ciências contemplativas”, como por exemplo, o que é procurado e obtido no Budismo e no Zen.⁴ Uma concepção de atitude científica que contraria radicalmente a procura de *evidências*. O intuído nas intuições psicanalítica é o exato oposto à ideia de ‘evidência’, pois é o que se encontra nas sombras de uma sala de análise e não à plena luz do laboratório experimental.

É preciso também reconhecer e tentar reduzir o risco de nos fixarmos nos sinais, de forma a que eles deixem de ser tênues indícios e se tornem *evidências* excessivamente iluminadas e obstáculos para o tornar-se O do analista. Quando os sinais são excessivamente iluminados e focalizados, atraem para si a atenção sensorial e passam a funcionar como resistências ao tornar-se O.

Esse risco, aliás, inclui as melhores recomendações, como nos adverte Bion: “não prestem atenção demasiada ao que escrevo”. Diz ele no original: “Muita consideração pelo que eu tenho escrito obstrui o processo que eu represento pelos termos ‘ele tornou-se o O que é comum a ele e a mim mesmo’” (Bion, 1970, p. 28). Não deixemos que as palavras de Bion se tornem evidências, verdades inquestionáveis! Ele, por sinal, faz o possível em seus escritos para que de evidentes não tenham nada com seu discurso muitas vezes hermético.

O *sonhar* do analista, sua *reverie*, é a forma de K mais próxima de O. É importante observar que essa noção de “proximidade” não deveria ser interpretada em termos espaciais, já que não há como medir distâncias em relação ao objeto infinito e incognoscível. O sonhar se “aproxima” de O já que é uma transformação de O que preserva sua carga emocional e ao mesmo tempo pode emergir no plano da consciência e do conhecimento mas, principal aspecto a destacar, sem se constituir como resistência à análise e ao tornar-se O. Vale dizer que não convém *teorizar* nossos pacientes (ainda pior, *rotular*); isso seria contraproducente, mas é bom *sonhá-los*. Robert Fliess em 1942 sugeriu o termo “*conditioned daydreaming*” para essa atividade

4 Em sua tese de doutorado Maria Theresa Costa Barros (2014) mostra como o budismo privilegia a intuição como via de acesso à realidade. Yichi luís (2019); por outro lado, demonstra o grande interesse de Bion pelo Zen na prática do encontro clínico.

do analista (Fliess, 2007) e, para exercê-la bem, o analista precisaria restringir drasticamente o recurso aos sentidos, embora mantendo-se extremamente atento ao paciente.⁵

Uma forma de *sonhar o paciente* que muito se assemelha ao sonho diurno condicionado se realiza na “técnica” criada por Gilberto Safra (2005) e usada com muita perícia e criatividade por Neyza Prochet (2007) com seus pacientes infantis: inventam-se *narrativas ficcionais* – pequenos mitos individuais – a partir da experiência emocional vivida em sessão com as crianças ou a partir das emoções suscitadas pelos relatos dramáticos dos pais. Nada mais distante das abstrações teóricas destituídas de verdade emocional; são sonhos compartilháveis no plano das emoções, mas são emoções que já se manifestam no campo do conhecimento imperfeito, mítico. Imperfeito, sim, e relativamente obscuro, mas eficaz do ponto de vista analítico porque dá forma, cor, movimento e intensidade afetiva ao sofrimento do sujeito.

Não apenas nessa modalidade de clínica, denominada por Gilberto Safra “Curando com histórias” (Safra, 2005), o sonhar do analista é sempre a fonte das interpretações realmente capazes de produzir transformações no *O da experiência emocional compartilhada pelo paciente e pelo analista* que permanece incognoscível para todos e para sempre.

Cabe aqui um esclarecimento: nessa ideia de um “tornar-se O de uma experiência emocional compartilhada” fica claro que não se trata de identificação ou empatia, mas do que foi concebido por Thomas Ogden como a participação de ambos – analista e paciente – no “terceiro analítico” da sessão.

Quando o processo analítico caminha, a dupla se aproxima do que pode ser proposto como sendo o próprio objetivo do trabalho psicanalítico:

5 Fliess não chegou à noção de “cegueira artificial”, embora dela se aproxime, nem à de “intuição”; no entanto, sua noção de “*conditioned daydreaming*” prefigura o que Bion muitos anos depois chamou de “*reverie*”.

É difícil conceber uma análise como tendo êxito sem que o resultado seja o paciente reconciliar-se e estar at one consigo mesmo. É tentador supor que esse resultado possa prover um critério de relevância.

(Bion, 1970, p. 34)

Apesar de a ideia de reconciliação e estar at one consigo mesmo já ser bastante forte, ainda precisamos de algum vislumbre do que isso pode de fato significar. Provavelmente, trata-se de fazer contato com desejos, angústias e, principalmente, com as próprias ambivalências, e com os modos peculiares de cada um lidar com sua vida emocional, seus impulsos libidinais ou mortíferos, fantasias amorosas e destrutivas, e suas variadas formas de defesas. Mas não se trata principalmente de “conhecer-se” ou mesmo “reconhecer-se”: trata-se de se *apropriar* das experiências emocionais para elaborá-las, ou seja, de pensar os “pensamentos selvagens” que emergem e atravessam a mente e o corpo do sujeito. Essa apropriação elaborativa – que envolve assimilação e metabolismo – é a principal tarefa do *sonhar* no sentido bioniano do termo, a chamada função alfa da mente.⁶ Do bom exercício dessa função alfa decorre também a expansão da própria capacidade psíquica de lidar com as experiências emocionais inconscientes.⁷

Levando em conta as ideias de “atitude científica” e de conciliação do sujeito consigo mesmo, tornando-se mais, por assim dizer, *ele próprio*, reconhecemos em Bion uma velha postura da psicanálise freudiana. Em 1918, em uma importante palestra sobre os novos rumos da terapia psicanalítica, Freud nos dizia em 1918-1919:

Recusamo-nos decididamente a transformar em propriedade nossa o paciente que se entrega a nossas mãos em busca de auxílio, a conformar seu destino, impor-lhe nossos ideais e, com a soberba de um Criador, modelá-lo à nossa

6 Existem certamente sonhos não elaborativos, sonhos evacuativos e de descarga, mas o sonhar a que Bion se refere é de outra ordem.

7 Aqui é interessante pensar que é preciso deixar as ideias conscientes mergulharem no inconsciente. O inconsciente infinito dos sonhos é capaz de uma elaboração bem mais complexa do que a consciência poderia realizar. Ogden fala do pensamento onírico, que se dá no escuro, como o que pode ser de fato transformador.

imagem, nisso encontrando prazer... também aprendi que o propósito terapêutico não requer em absoluto uma atuação assim abrangente para com o paciente. Pude ajudar pessoas com as quais não possuía qualquer vínculo de raça, educação, posição social ou visão de mundo, sem incomodá-las em sua individualidade. Nosso estimado amigo J. J. Putnam, ... nos perdoará por também não podermos aceitar sua reivindicação de pôr a psicanálise a serviço de uma visão de mundo filosófica, e de impor esta ao paciente a fim de enobrecê-lo. Na minha opinião, isso afinal não passa de violência, ainda que coberta das mais nobres intenções. (Freud, 2011, p. 215)

Nada mais bioniano por parte de Freud, ou melhor: mais freudiano Bion não poderia ser. Vale dizer que Bion discriminava claramente o que é trabalho de análise do que seria *propaganda*. Robert Caper em seu pequeno livro *Bion and Thoughts too deep for Words* assinala no item “Psicanálise e propaganda”: “*A Propaganda tenta dominar a outra mente precisamente para impedi-la de originar seus próprios pensamentos*” (Caper, 2020, p. 39), ou seja, originar pensamentos a partir de suas próprias experiências emocionais. É justamente o que Freud também procurava evitar, como se viu no trecho acima.

Consequências

1) Fazer psicanálise não tem nada a ver com os desejos de cura e de modelagem do paciente pelo analista a partir de suas ideias prévias e preferências teóricas ou ideológicas, da sua noção de normalidade e saúde; ou seja, na prática da psicanálise se caminha na contramão da doutrinação, do dirigismo ou da missão militante de resgate ou edificação. Não somos “cruzados”, somos psicanalistas, ou ao menos gostaríamos de ser. O que não exclui de nossos interesses as questões da atualidade e dos chamados “movimentos afirmativos” das políticas identitárias, mas, conforme as felizes palavras de Isildinha Nogueira (a que voltarei mais adiante) nos mantendo sensíveis aos “produtos obscuros das marcas” deixadas pela história. E para acessar o obscuro, precisamos voltar à ideia freudiana de uma cegueira artificial.

2) As experiências emocionais em si mesmas invisíveis (sem forma, sem cor, sem cheiro etc.) e por isso inefáveis devem ser *sonhadas* sem nunca serem de fato *conhecidas* pelo analista e mesmo pelo próprio paciente. E sempre sonhadas no ambiente de silêncio e escuridão que reinam na alma escura do analista.

Daí a importância da noção de “fenda”, “*the crack in everything*” de que nos fala Leonard Cohen, “*that’s how the light gets in*”. Não se trata de inundar a cena com os poderosos holofotes de uma teoria psicanalítica ou com informações sociológicas e históricas, por exemplo. Abre-se apenas uma fenda da qual venha uma estreita réstia cuja luz atravesse o fecho de intensa escuridão, uma estreita fresta de luz que irrompa na cegueira artificial preconizada por Freud. Mais que isso, estaríamos nos ofuscando e na verdade ocultando com ‘evidências’ – falsas evidências – os tênues indícios do que nunca veremos, nunca ouviremos, nunca iremos acessar pelo tato, pelo olfato, pelo sabor, mas que sustentamos e a que nos dirigimos por um ato de fé:⁸ ou seja, a experiência emocional como “coisa em si”, O.

Embora seja sim evidente e indiscutível que as cores e formas anatómicas do corpo sejam elementos importantes na experiência emocional de um sujeito entre outros sujeitos e participem ativamente de sua constituição psíquica, deixando marcas – as marcas, por exemplo, do racismo – a experiência emocional como “coisa em si” não tem forma nem cor: são, como diz Isildinha Nogueira, “obscuros produtos dessas marcas” (Nogueira, 2021, p. 34) e é a eles que o analista tenta chegar, mas nunca, ai de nós, pela via do conhecimento. A essa outra via Bion chama de *intuição* e ela nos predispõe a sonhar. Intuir, está no lugar de uma experiência sensorial. Discutindo as radicais diferenças entre o modelo médico e o psicanalítico, nos diz Bion:

O ponto que demonstra a divergência mais claramente é que o médico depende da realização de uma experiência sensorial, enquanto o analista depende de uma experiência não sensorial. O médico pode ver e tocar e

8 Acerca do ato de fé na prática clínica recomendo a leitura do texto muito esclarecedor do psicanalista italiano G. Civitaresse (2019).

cheirar. As realizações com que o psicanalista lida não podem ser vistas ou tocadas; a angústia não tem forma ou cor, cheiro ou som. Por conveniência proponho o termo “intuir” como um paralelo no domínio psicanalítico do uso que o médico faz de “ver”, “tocar”, “cheirar” e “ouvir”. (Bion, 1970, p. 14)

3) Nessa medida, os processos de formação – eu prefiro falar em cultivo – da função psicanalítica da personalidade deve dedicar-se a instalar e expandir essa capacidade de a mente funcionar intuitivamente com uma disposição parecida, segundo Grotstein, à visão noturna. Da visão noturna os cones da retina pouco participam e não nos oferecem muitos detalhes dos objetos percebido, nem suas cores. Os bastonetes, ao contrário, são fortemente acionados na visão noturna e nos trazem vultos pouco precisos e descoloridos. Diz-se que à noite todos os gatos são pardos. No caso da psicanálise, esses vultos – uma condição em que “todos os pacientes são pardos” – ganham forma e cor apenas nos sonhos do analista, formados a partir da sua experiência emocional em O.

Mas para que isso aconteça, é preciso que a fenda seja bem estreita, a luz muito pouca, é preciso que a sombra prevaleça criando “*La noche oscura del alma*” (nas palavras de San Juan de la Cruz) em que os invisíveis possam ser *intuídos* e se tornem *sonháveis*. O excesso de iluminação, ou uma iluminação já colorida deixaria alguns sinais muito evidentes, ocultaria outros e, principalmente, atrairia a mente para sua sensualidade, interrompendo a passagem a O e ao sonho.

4) A este modo de trabalhar na escuridão e no silêncio, cabe ainda acrescentar a paciência, pois a detecção dos indícios quase invisíveis e inaudíveis, a emergência dentre eles do que Bion chamou de “fato selecionado” e a produção de sonhos demanda tempo, principalmente se realmente evitarmos a compreensão prévia. É preciso dar tempo para a evolução de O para nossa intuição e para nossas reveries:

Em cada sessão o psicanalista deveria ser capaz, se seguiu o que se disse neste livro, em especial em relação a memória e desejo, de dar-se conta dos aspectos do material que apesar de parecerem muito familiares, dizem respeito ao desconhecido tanto a ele como ao analisando. Qualquer tentativa

de se agarrar ao que já se conhece deve ser evitada de forma a alcançar o estado de mente análogo à posição esquizoparanoide [Bion aqui se refere à experiência de forte ambivalência e não integração a ser vivida e tolerada nesse estado de mente]. Para esse estado eu dei o nome de paciência para distingui-lo da posição esquizoparanoide que eu deixo para descrever o estado patológico descrito por Melanie Klein. Desejo que o termo retenha sua associação com sofrimento e tolerância à frustração. A “paciência” deve ser sustentada sem uma procura frenética por fatos e razões até que emergja um padrão. Esse estado é análogo ao que Melanie Klein chamou de posição depressiva. Para ele eu uso o termo “segurança”. (Bion, 1970, p. 124)

Por mais confortável e desejável que seja a segurança, é preciso paciência para tolerar o desconhecido, o confuso, o desengonçado, a incerteza diante do incognoscível em processo de evolução uma evolução que, no fundamental, se dá na sombra.

Os sonhos do analista, suas reveries, não estão sob seu controle voluntário; eles também emergem como parte do mesmo processo de evolução de O que o analista compartilha com seu paciente. Se as interpretações que ocorrem ao analista não provierem de seus sonhos e se eles não forem gerados, na “hora certa”, pela própria evolução de O, não terão a menor possibilidade de êxito em termos de produzirem efeitos no O compartilhado da sessão.

Concluindo

Diz-nos Bion acerca do valor de suas ideias: elas não são regras a serem observadas, receitas a serem seguidas: “Em vez disso, posso apenas sugerir regras para o analista que o ajudarão a alcançar o enquadre mental [*frame of mind*] em que é receptivo ao O da experiência analítica” (Bion, 1970, p. 32).

Essas “regras” – ou melhor, recomendações – podem ser seguidas por analistas das mais diferentes “escolas”, na verdade, de todas elas (freudianos, ferenczianos, kleinianos, lacanianos, winnicottianos, kohutianos e, evidentemente, bionianos) desde que o analista não se

apegue a elas como os seus “dogmas” evidentes. Na verdade, se podemos encontrar bons psicanalistas em todas as escolas é porque eles são clínicos antes de serem psicanalistas com alguma denominação e usam o facho da intensa escuridão para também manter na sombra suas preferências teóricas, deixando a réstia de luz iluminar os tênues indícios das experiências emocionais de que participam.

Nossas teorias nos servem, na melhor das hipóteses, e muito mal e porcamente, para nos dar alguma ideia do que talvez se passe na vida mental dos humanos, o que inclui nossos pacientes e nós mesmos. Elas, quando bem usadas, nos ajudam como matrizes de sonhos, *mitos*, nunca como verdades estabelecidas cientificamente; frequentemente, porém, quando elas são transformadas em dogmas indiscutíveis, tornam-se obstáculos e resistências ao tornar-se O. Por isso, Bion insiste muito na disciplina de nos livrarmos de memória, desejo e compreensão prévia (o que inclui as “verdades teóricas”) para nos aproximarmos do que ele chama de “*scientific state of mind*”, condição para o tornar-se O além ou aquém de toda pretensão de conhecer cientificamente o incognoscível e teorizá-lo. Aliás, que as teorias da mente sejam todas *mentiras* mais ou menos bem contadas é uma decorrência natural dessa epistemologia bioniana⁹. Científica pode e precisa ser nossa *atitude* diante de nosso objeto, nosso estado de mente disponível ao tornar-se O, não nossos supostos saberes e teorias, nossos mitos.

Precisamos insistir: a chamada formação em psicanálise dirige-se ao cultivo da capacidade de funcionar com esse enquadre facilitador do tornar-se O. Para tal precisamos aprender a caminhar na sombra, na cegueira, como os videntes gregos, como Tirésias, capazes de ultrapassar as evidências para alcançar o invisível¹⁰.

É a essa compreensão e a essa atitude que o cultivo da função psicanalítica da personalidade deveria levar. Fora dessa proposta, a formação do analista se confundiria com a produção de propagandistas a

9 Nessa medida, as bobagens do casal Pasternak & Orsi em relação à cientificidade de nossas teorias, mesmo que fossem “corretas”, seriam absolutamente irrelevantes.

10 Devo ao amigo Alfredo Naffah Neto essa e algumas outras ótimas sugestões.

serviço da resistência à verdade, não seria mais psicanálise, mas empreitada antipsicanalítica por excelência.

Como assinala Caper:

No lugar de cura, Bion propõe que o psicanalista se restrinja a procurar a verdade, [e acrescentamos, a verdade em O, no tornar-se O] ... Em sua visão, a procura da verdade é crucial porque a única alternativa a essa procura é a prática da propaganda. (Caper, 2020, p. 97)

Acreditamos que instituições que se dizem psicanalíticas e pretendam formar psicanalistas – como parece ser o caso do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ) – deveriam destinar-se acima de tudo e antes de mais nada a tal cultivo. Dizemos “acima de tudo e antes de mais nada”, porque, evidentemente, sustentada essa base ainda resta muita coisa a desenvolver interminavelmente ao longo de uma vida.

Por exemplo, não podem ser desprezadas as questões relativas às psicopatologias e às práticas, o que inclui a consideração dos aspectos que dizem respeito às condições históricas e culturais dos adoecimentos e dos tratamentos. Tais questões exigem certamente muitas pesquisas, mas tais pesquisas precisariam ser realizadas com o método psicanalítico, vale dizer, na situação clínica e por psicanalistas experientes. Nessa medida, é a partir da “atitude científica” descrita por Bion que – pela via da escuta sem memória, desejo e compreensão prévia¹¹, facilitadora da *intuição* e do *sonhar condicionado* – questões da atualidade, como o racismo estrutural e a problemática das identidades de gênero poderão ser incluídas em nossas práticas e teorias. Afinal, sabemos desde Freud¹² que a psicanálise é, em primeiro lugar, um método de investigação, mas

11 Especialmente sem pressupostos e vieses ideológicos.

12 De fato, em 1922-23 Freud afirma que o caráter de pesquisa e, portanto, de transformações, descobertas e invenções sempre esteve presente em nossa área: “Psicanálise, nos diz ele, é o nome: 1) de um procedimento para a investigação de processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis; 2) de um método de tratamento de distúrbios neuróticos, baseado nessa investigação; 3) de uma série de conhecimentos psicológicos adquiridos dessa forma, que gradualmente passam a constituir uma nova disciplina científica” (FREUD, 2014).

indissolúvelmente associado a um método de tratamento psíquico e às teorias que desde aí podem ser formuladas. A inclusão de novos temas ao nosso arsenal teórico e conceitual precisa derivar da própria pesquisa e clínica psicanalíticas.

Outra questão, que se coloca em outro nível, é a de como se aproximar da “cegueira artificial” em um atendimento face a face em que a troca de olhares entre analista e paciente precisa estar presente e inevitavelmente estará. Finalmente precisa ser pensada a adaptação da atitude básica da psicanálise na chamada “psicanálise em extensão”, praticada fora dos consultórios no campo social e cultural mais amplo, o que é da maior importância para a psicanálise atual. Nos dois casos, evidentemente se renuncia ao divã.

Em seu excelente livro sobre o uso do divã, Lucas Kruger examina apenas tangencialmente a função do divã na instalação da “cegueira artificial”. Ainda assim, no capítulo sobre as ideias de Thomas Ogden, lemos:

Thomas Ogden nos recorda que o uso do divã por Freud não foi fundamentado teoricamente para ser um facilitador à associação livre do analisando, ainda que saibamos que o seja. Ogden realça que seu uso estava ligado, sim, ao fato de Freud não suportar estar sendo observado durante seu processo de escuta. Essa lembrança é relevante, pois o autor pretende ressaltar a necessidade de privacidade do analista enquanto está a realizar o seu ofício. Em seu entendimento, o analista precisa de privacidade para escutar, entregar-se à corrente de seus pensamentos inconscientes, e o contato visual entre o analista e o analisando prejudicaria sua escuta. Nesse sentido, ao retomar Freud, Ogden salienta a importância do uso do divã não apenas para o analisando, mas também para o analista, pois acredita que o contato visual prejudicaria a privacidade da dupla e de sua relação como um todo. (Kruger, 2023, p. 83)

Em outras palavras: a “cegueira artificial” propiciada pelo divã está a serviço da intuição e do sonhar e da tal “corrente de pensamentos inconscientes” de que nos fala Ogden.

Abrir mão do divã no atendimento face a face e na psicanálise extramuros impõe muitos ajustes e adaptações em que as condições facilitadoras do *intuir* e do *sonhar* tornam-se mais problemáticas, o que não é novidade, aliás, para quem pratica a psicanálise de crianças. Nessa modalidade já antiga e consagrada de prática psicanalítica, não só não cabe o divã, como o brincar associa-se ao sonhar e de certa forma assume sua função. Trata-se de sonhar brincando ou brincar sonhando¹³ e nesse momento cabe lembrar do texto em que Sándor Ferenczi em 1931 já nos aconselhava a aprender com a nascente psicanálise de crianças pequenas algo que cabia ser ensaiado no atendimento de alguns pacientes difíceis que não funcionavam bem no enquadre padrão (Ferenczi, 1931/1992). Com tais pacientes o “sonhar brincando” já se impunha, tornando a tarefa que se requer à mente do analista ainda mais árdua e exigindo a ele uma boa instalação do que André Green chamou de “enquadre interno” (Green, 2008). Quanto menos o analista puder apoiar-se no enquadre padrão para “fazer escuro e fazer silêncio”, mais dependerá seu trabalho de escuta e pensamento – intuição e sonho – de um bom enquadre interno.

Nessa medida, cremos nós, também em todas essas situações de “análise modificada”, para usarmos a noção proposta por Winnicott, aquelas condições de base facilitadora do intuir e do sonhar (ou brincar) não podem faltar porque sem elas e sem a procura intransigente da verdade em O já não se trataria de psicanálise, mas de propaganda ou de pedagogia.

De luces y sombras: contra las evidencias.

San Juan de la Cruz, Bion y James Grotstein

Resumen: En este artículo, el autor busca mostrar la naturaleza de la experiencia del analista en la práctica del análisis como orientada a alcanzar, a través de la intuición y el soñar diurno condicionado, la experiencia emocional compartida entre él y el paciente durante las sesiones. Partiendo del supuesto de que la dimensión inconsciente de las experiencias es

13 Devo a Regina Orth esta importante observação.

incognoscible – y no solo inconsciente – y que contiene una infinitud que no puede ser abarcada por teorías y representaciones, la actitud necesaria del analista es la preconizada por Bion: “sin memoria, sin deseo y sin comprensión previa”. Estas ideas bionianas sobre lo que él denomina “actitud científica” nos acercan a las ciencias contemplativas, como el budismo y el zen, con su énfasis en la intuición.

Palabras clave: Bion, actitud científica, experiencia emocional compartida, O, intuición, soñar.

Of Lights and Shadows: against the evidence.

San Juan de la Cruz, Bion and James Grotstein

Abstract: In this article, the author tries to show the nature of the analyst's experience in the practice of analysis as being aimed at reaching, through *intuition* and *conditioned daytime dreaming*, the emotional experience shared by him and the patient during the sessions. Assuming that the unconscious dimension of experiences is unknowable – and not just unconscious – and that it includes an infinity not apprehensible by theories and representations, the attitude necessary for the analyst is that advocated by Bion “without memory, without desire and without prior understanding”. These Bionian ideas about what he calls the “scientific attitude” bring us closer to the contemplative sciences, such as Buddhism and Zen, and their emphasis on intuition

Keywords: Bion, scientific attitude, shared emotional experience, O, intuition, dreaming

Referências

- Barros, M. T. C. (2014). *O despertar do budismo no Ocidente: Perspectivas para o século XXI*. Garamond.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. Tavistock.
- Caper, R. (2020). *Bion and thoughts too deep for words*. Routledge.
- Civitarese, G. (2019). On Bion's concepts of negative capability and faith. *The Psychoanalytic Quarterly*, 88(4), 751-783.
- Ferenczi, S. (1992). Análise de crianças com adultos. In *Obras completas* (Vol. 4). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)

- Fliess, R. (2007). The metapsychology of the analyst. *Psychoanalytic Quarterly*, 76, 679-695.
- Freud, S. (2011). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2014). Psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 15). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1922-1923)
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Imago.
- Grotstein, J. (2010). *Um facho de intensa escuridão*. Artmed.
- Kruger, L. (2023). *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise*. Blucher e Artes e Ecos.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Perspectiva.
- Prochet, N. (2007). Quem conta um conto promove um encontro. *Cadernos de Psicanálise SPCRJ*, 23(26), 195-214.
- Safra, G. (2005). *Curando com histórias: A inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças*. Sobornost.
- Zhang, Y. (2019). Wilfred Bion's annotations in *The way of Zen: An investigation into his practical encounters with Buddhist ideas*. *Psychoanalysis and History*, 21(3), 331-355.

Luís Claudio Figueiredo
lclaudio.tablet@gmail.com